UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB

INSTITUTO DE ARTES – IdA

DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS − VIS

GILMAR MENDES NOVAES

O PAPEL DO PROFESSOR NO ENSINO DE ARTES VISUAIS: análise do cotidiano de um professor de Ensino Fundamental II, no Centro de Ensino Fundamental 16, Ceilândia Norte.

BRASÍLIA, 2016

Gilmar Mendes Novaes

O PAPEL DO PROFESSOR NO ENSINO DE ARTES VISUAIS: análise do cotidiano de um professor de Ensino Fundamental II, no Centro de Ensino Fundamental 16, Ceilândia Norte.

Trabalho de conclusão do curso em Artes Plásticas, Habilitação em Licenciatura, do Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade de Brasília.
Orientador: Professor Dr. Christus Nóbrega

BRASÍLIA, 2016

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por conseguir vencer mais um desafio em minha vida e, mesmo com muitos obstáculos, consegui chegar ao fim e concluir a minha graduação.

A toda a minha família, em especial à minha esposa e filha que durante esse tempo entenderam a minha ausência em momentos importantes que não estive presente.

À Universidade de Brasília e a todos os professores que contribuíram para o meu aprendizado.

Agradeço ao Profº Christus Nóbrega, por ter aceito a orientação deste trabalho. Pela sua paciência e atenção sempre.

SUMÁRIO

LISTA DE TABELAS E GRÁFICOS 5

INTRODUÇÃO 6

1. REFERENCIAL TEÓRICO 7
1.1 O ensino de Arte no Brasil 7
1.2 Recorte histórico e legal 8
1.3 Ensino de Arte e Metodologias de Ensino 9
1.4 Interação professor-aluno no processo de ensino-aprendizagem 10
1.5 O ensino de Arte na sala de aula 13

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS 16
2.1 Escola analisada 16
2.2 Metodologia da pesquisa 17

3 DADOS OBTIDOS 17
3.1 Entrevista com professores 17
3.2 Questionário aplicado aos alunos 20
3.3 Análise de resultados obtidos na pesquisa com os alunos 21

CONSIDERAÇÕES FINAIS 25

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 26

LISTA DE TABELAS E GRÁFICOS

Modelo de questionário desenvolvido para a pesquisa com os alunos 20
Importância do ensino de arte na formação do aluno 21
Duração da aula de arte 21
Preferência do aluno pela aula prática ou teórica 21
Recursos mais utilizados em sala de aula pelos professores 22
Frequência em visitas a exposições 22
Investigação do professor sobre os interesses do aluno 23
Domínio pelos professores ao ministrar o conteúdo das aulas 23

INTRODUÇÃO

Essa pesquisa sobre o cotidiano do professor e das aulas de Arte parte de uma inquietação individual, por mim, vivenciada nas minhas aulas de Arte durante a época da formação básica. Sempre me intrigava ver a reação dos alunos, ao nos dirigirmos para as aulas de arte – obrigados e desmotivados.

Nesse sentido, e considerando as recordações apresentadas anteriormente, a pesquisa tornou-se possível, principalmente no aspecto prático, a partir da experiência vivenciada nas disciplinas de Estágio Supervisionado em Artes Plásticas 1 e 2, e que me motivou a transformar minha experiência, tanto pessoal, como também a experimentada no estágio, em um projeto de pesquisa.

Ao adentrar no ambiente de sala de aula e vivenciar o contexto da prática pedagógica em Artes Visuais, retorno ao ambiente de sala de aula no Ensino Fundamental II, não mais com olhos de aluno, e sim com um olhar de pesquisador, visualizando os detalhes que me incomodavam. Mas, dessa vez, com um olhar crítico, repensando nas diversas possibilidades que influenciam o processo de ensino-aprendizagem.

A perspectiva do estudo parte de um questionamento: **quais são as dificuldades de um professor no ensino de Artes Visuais no cotidiano da sala de aula?** Para desenvolver essa questão que me inquieta, utilizarei como campo de observação e de pesquisa as aulas de Arte do Centro de Ensino Fundamental 16 de Ceilândia – DF, onde buscarei gerar dados por meio de anotações e entrevistas que possam registar o cotidiano das aulas de arte e sua dinâmica entre professor e aluno.

No âmbito dessa pesquisa, que visa lançar questionamentos e levantar referências teóricas acerca do ensino de Arte, serão abordadas questões por mim observadas, como: interação professor-aluno no processo de ensino-aprendizagem e o ensino de Arte na sala de aula.

O objetivo desse trabalho é entender as relações existentes no ensino de Arte na sala de aula, como também utilizar esse estudo de uma forma propositiva, no sentido de que venha a acrescentar novas reflexões na minha formação como futuro professor, possibilitando novas reflexões sobre pontos positivos e negativos.

1 REFERENCIAL TEÓRICO

1.1 O ensino de Arte no Brasil

O percurso histórico do ensino da disciplina Arte está associado à dimensão alcançada por ela, junto ao ensino no Brasil, em seus aspectos profissionais, metodológicos, políticos e como sinônimo da realização profissional do professor. Daí a importância em iniciar a presente pesquisa, investigando os olhares ofertados a essa disciplina ao longo do tempo. Essa primeira visão pode ser alcançada nas palavras de Maria José Subtil (2011, p. 242): “Em primeiro lugar é necessário acentuar o caráter interessado da arte. Ela não é uma esfera plenamente gratuita ou lúdica, expressão radical da individualidade, absolutamente autônoma e sem condicionantes sociais”.

O uso da arte como precursora da cultura brasileira inicia com os Jesuítas ao evangelizar os índios. Para Subtil (2011):

> “Os jesuítas utilizaram-se do ensino de arte com a finalidade de evangelizar. Para prender a atenção dos indígenas, homens livres e pouco afeitos ao trabalho intelectual, usavam métodos que conquistassem os sentidos: dramatização, música e poesia. O que houve foi o transplante de uma forma europeia e católica de transmissão de conhecimentos com ênfase mais na literatura e menos na expressão das Belas Artes porque elas estimulavam a sedução dos sentidos. Houve nesse momento uma evidente desconsideração dos sons, pinturas, ritmos próprios de uma cultura também milenar.” (p. 243-244)

Os períodos da humanidade foram responsáveis pela cronologia do surgimento da Arte no cenário cultural brasileiro. A partir disso, pode-se dizer que a Arte adquiriu estilos diversos. Mas, o aparecimento da Arte não é algo recente, pois desde a Pré-História o homem já a elaborava, ainda que os registros, dos quais se dispõe, somente foram encontrados, a partir da escrita. Essa realidade documental promoveu o desprezo a muitas produções artísticas, as quais sofreram revelação por iniciativa de arqueólogos.

O princípio da Arte no Brasil aconteceu com o ensino ministrado pelos jesuítas, que tinha como finalidade a evangelização de índios e homens livres. Para tanto, eles se valiam das técnicas de dramatização, música e poesia, de forma que as metodologias europeias de educação foram trazidas ao campo da educação brasileira. Desta maneira, viu-se que não havia a valoração da cultura presente no Brasil.

Ainda conforme a educação em Arte pelos jesuítas, a Literatura foi privilegiada em lugar da abordagem às Belas Artes, visto que o foco a estas era proibido. Logo, a cultura milenar adquirida anteriormente foi desprezada. Por exemplo, os sons, as pinturas, os ritmos não tiveram lugar de aprovação junto ao ensino. Pelo contrário; ao entender dos jesuítas, passou-se a ensinar cantos, danças e instrumentos de percussão inventados por índios. Cantos tradicionais da liturgia cristã-católica fizeram parte, também, no rol de conteúdos ministrados, em um primeiro instante do Brasil em contato com a Arte.

Em meio ao acentuado valor ocupado pelas atividades de ordem literária, obteve-se a negativa contra as atividades que envolviam o esforço manual; a saber, era trabalho escravo, aspecto que foi ao encontro, de modo intenso, ao magistério de Artes no Brasil. Visto que eram de cunho escravocrata, as atividades manuais eram atribuídas apenas aos índios e escravos.

No período de intervenção dos jesuítas, junto ao ensino de Artes, despontaram igrejas católicas, em que houve a associação entre a arquitetura, os talhes, a pintura e a escultura. À mesma época, outros métodos artísticos passaram a ser utilizados, a saber: a pedra-sabão, as esculturas e o ouro.

Com o fim da colonização, sobrevieram espaços formais de ensino, como por exemplo, a primeira Escola de Belas Artes, por D. João VI, em 1808, no Rio de Janeiro, depois da chegada da Missão Francesa. Contudo, foi o método europeu de fazer Artes que prevaleceu.

1.2 Recorte histórico e legal

Está previsto na Lei nº 9.394, Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional, de 20 de dezembro de 1996, que o ensino de Artes é elemento curricular imprescindível, pois é obrigatório a sua abordagem, desde a Educação Infantil até o Ensino Fundamental. Essa assertiva se encontra consignada no artigo 26, § 2º: “O ensino da Arte, especialmente em suas expressões regionais, constituirá componente curricular obrigatório da educação infantil e do ensino fundamental, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos”. [1]

[1] Com a proposta da Medida Provisória Nº 746, de 22 de setembro de 2016 a Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional teve no seu artigo 26 o § 2º alterado, deixando o ensino de Arte obrigatório apenas para a educação infantil e ensino fundamental. Antes dessa medida o ensino de Arte era obrigatório nos diversos níveis da educação básica.

Os parâmetros legais se estendem aos PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais), que por sua vez, nos ciclos 1 e 2 da Educação Básica, patrocinam debates pedagógicos acerca da disciplina Artes. Por meio dos princípios legais, é possível dimensionar a posição do ensino da Arte nas escolas. Em regra, as atividades artísticas se apoiam em outras disciplinas, aspecto que provoca a indiferença com os contornos que as formas artísticas apresentam na escola.

A elaboração dos PCNs visa o respeito às diversidades regionais, culturais e políticas, ofertando um referencial para as práticas curriculares nacionais, pertinentes ao processo de ensino-aprendizagem, por todo o Brasil. Sem eles, as políticas educacionais e educadores não teriam orientações para o exercício da docência. Consta, nos PCNs, a possibilidade do currículo em Artes ser seccionado em: Música, Artes Visuais, Teatro e Dança, sendo a disciplina 'Artes' importante elemento de desenvolvimento cognitivo das crianças – a inserção dela ao currículo de educação básica é procedimento obrigatório. O ensino de Artes é fundamental para a cultura da pessoa contemporânea.

1.3 Ensino de Arte e Metodologias de Ensino

O aluno que recebe estímulo durante o processo de alfabetização tanto no nível formal como no convívio familiar estará tornando-se um sujeito integrado e participante em seu meio. É fundamental que ele receba apoio psicológico e pedagógico de maneira dinamizada e bem orientada, envolvendo todas as atividades inseparáveis ao processo de alfabetização.

O professor é o mediador desse processo de aprendizagem e é de suma importância que ele busque maneiras de ensinar com criatividade, pois as relações de ensinar e aprender acontecem constantemente de forma natural. É relevante cultivar o ensino-aprendizagem por meio de atividades criadoras. Nesse sentido, Mary Rangel (2007), reforça que:

> "A escolha da metodologia de ensino aprendizagem é feita de acordo com o aluno, suas características cognitivas e escolares, com o conteúdo, sua natureza, sua lógica, e com o contexto, ou seja, as circunstâncias e condições do aluno, do professor, da escola, da comunidade." (p.10)

Segundo Vicente Zatti (2007, p. 26), o conhecimento das ciências deve ser estimulado dentro de seus limites. No entanto, o que se observa é que alguns professores não percebem que suas práticas pedagógicas podem incentivar a

aprendizagem dos educandos. Sem estímulo, o desenvolvimento é muito lento; o educando associa os conteúdos somente em sala de aula. O professor precisa encontrar maneiras que reforcem e desafiem os educandos a serem pessoas participativas, ativas e criativas na sociedade. Quando o educando recebe informações prontas, eles não produzem ideias, deixando assim de provocar uma aprendizagem significativa.

O professor de Arte é uma peça fundamental na contribuição do processo de construção das habilidades do aluno. Por isso, a falta de criatividade pode causar, em alguns, dificuldades de aprendizagem durante o processo de ensino em Arte e por toda a vida escolar. O educador tem um papel essencial na vida do aluno, já que cabe a ele auxiliá-lo; no entanto, deve atentar-se para o tipo de auxilio.

1.4 Interação professor-aluno no processo de ensino e aprendizagem

Um dos grandes problemas do ensino dentro da sala de aula é o relacionamento professor X aluno – trata-se de um fator fundamental que acaba somando na qualidade de ensino.

Qual seria a postura profissional ideal para o professor? Certamente, no momento atual da nossa sociedade, devemos repensar nessa postura do professor frente ao ensino, de uma maneira que traga benefícios para o aprendizado dos jovens.

Aqui, não podemos deixar de mencionar a questão do ensinar, papel atribuído ao professor, como agente principal desse processo. Seu papel é totalmente voltado para o ensino e formação do cidadão, desenvolvendo uma atividade fundamental para a nossa sociedade.

Para Ilza Martins (1989):

> “Na educação e no ensino, o objetivo fundamental é o encontro da felicidade e não somente a aquisição de conhecimentos; se eles não tornarem a pessoa feliz; a sua finalidade não será outra senão a da formação. O ensino não pode se limitar à aquisição passiva e artificial de conhecimentos que não servem de respostas às experiências diárias. Todos os conhecimentos assimilados devem ser eminentemente educativos e formadores de personalidades, respondendo às necessidades e urgências da pessoa. Superar o ato educativo do ato de ensinar seria fazer uma cisão muito profunda na formação. Seria separar o intelecto das emoções e sentimentos.” (p. 13)

Dando continuidade a essa pesquisa, Martins fala sobre a importância de não focar apenas no conhecimento, e que esse conhecimento precisa ser acrescido de

uma carga que acrescente no sujeito certa motivação para a vida, não valorizando apenas o conhecimento, mas também valorizando suas emoções e sentimentos.

Ensinar não é somente transmitir conhecimentos para o aluno. Deve-se trabalhar sua formação como um todo. A formação da personalidade de cada aluno é um aspecto fundamental a ser alcançado no nosso ensino. Sem dúvida esse aspecto possibilita a criação de um cidadão acrescido de valores, princípios e objetivos, preparando-o, dessa forma, para a vida na sociedade.

Quando falamos da relação entre professor e aluno, cabe separar cada um e verificar quais são as posturas que devem tomar visando uma melhora no processo de ensino-aprendizagem.

De um lado está o aluno, que vai até o ambiente escolar com o intuito de obter conhecimentos. E no processo de ensino-aprendizagem deve haver uma postura de compromisso com o ensino. Tendo o aluno interesse em aprender, facilitará o relacionamento entre ele e o professor, possibilitando uma maior interação e troca de conhecimentos.

Vale ressaltar que os pais têm participação direta quando estamos nos referindo à formação do aluno, pois dentro de casa é que se inicia todo o processo de ensino-aprendizagem. Os pais devem orientar os filhos na perspectiva de um futuro melhor, estimulando e supervisionando seus estudos. Dessa forma, ensinando-os a ter responsabilidades e compromisso com seus deveres.

Por outro lado, o professor, importante agente no processo de ensino-aprendizagem, tem um compromisso que está diretamente ligado ao papel de ensinar, ou mesmo na elaboração de ferramentas que possibilitem ao aluno uma busca por determinadas experiências que possam acrescentar-lhes informações úteis a sua existência.

Para Maria Izabel Cunha (1989):

> “E assim, como talvez fosse precipitado afirmar que o professor tem papel principal no desempenho escolar, é impossível desconhecer que sem professor não se faz escola e, conseqüentemente, é fundamental aprofundar estudos sobre ele. Ainda mais quando, a partir da leitura da realidade, percebe-se que as relações de poder permeiam o papel do professor e são, ao mesmo tempo, causa e conseqüência da realidade escolar.” (p. 27)

Cunha percebe o professor como elemento indispensável no ambiente escolar, tornando-se uma ferramenta de fundamental importância, visto que sem ele não seria

possível a formação de um ambiente escolar. Por isso fala-se tanto na valorização do professor, que muitas vezes trabalha desmotivado pelos diversos aspectos existentes na nossa sociedade.

Maria Helena Souza (1997) reitera sobre o papel do professor:

> "Em primeiro lugar, é preciso esclarecer uma questão-chave: o papel do professor não é fazer proselitismo político e se, na cátedra, procura formar adeptos do socialismo ou de qualquer doutrina ou teoria revolucionária, não comete com isso nenhum pecado, mas equivoca-se quanto ao seu papel e não será eficiente nem como professor nem como político. Não dizemos isso em nome do liberalismo, segundo o qual não se deve fazer "política" na escola (ignorando que quase todos os professores a fazem inconscientemente, principalmente os que o negam, e que a escola em si é uma instituição política) mas, ao contrário, que tratemos de definir o papel do professor, que é diferente (nem melhor nem pior) do político: se o papel deste é conseguir adeptos a uma causa, ou seja, que as pessoas estabeleçam um vínculo dependente com o líder e com a doutrina — embora a meta final possa ser libertadora, isto é, alcançar uma independência coletiva — o professor ensina a romper a dependência primária e a tentar novos vínculos." (p. 394)

Acerca dos pontos abordados por Souza, este reforça a ideia do papel do professor, que é responsável por contribuir na formação do ser pensante, ou seja, formar uma pessoa capaz de refletir e tentar mudar alguma situação que não lhe deixa satisfeito. A formação de pessoas de opiniões é uma ferramenta fundamental para o desenvolvimento da nossa sociedade.

É preciso que haja interação entre professor e aluno, para um bom desenvolvimento no processo de ensino-aprendizagem, pois, se não houver um interesse do aluno em aprender, o professor irá se desgastar muito e não terá sucesso em seu objetivo. Da mesma forma, não adianta ter no processo de ensino-aprendizagem um aluno motivado com um professor desmotivado – em ambas as situações o ensino será precário.

A sala de aula é o local onde o professor e o aluno passa a maior parte do tempo. É, portanto, o local de crescimento pessoal e interpessoal. Esse crescimento se dá por meio das experiências vivenciadas em sala de aula e pelo relacionamento entre os indivíduos.

O papel do professor é proporcionar um ambiente adequado para a aprendizagem que seja favorável para assimilação e acumulação dos conteúdos. Vale ressaltar que esse processo não deve acontecer de forma mecanizada. O professor deve proporcionar dentro da sala de aula um momento para a criação e

desenvolvimento da mentalidade científica do estudante. O principal objetivo é transformar a sociedade do senso comum em uma sociedade pensante.

Para Maisa Kullok (2002, p.11),

> "No processo de ensino-aprendizagem, o aluno é o sujeito e o construtor do processo. Toda aprendizagem precisa ser embasada em um bom relacionamento entre os elementos que participam do processo, ou seja, o aluno, professor colegas de turma: diálogo, colaboração, participação, trabalhos e jogos (brincadeiras) em conjunto ou em grupos, respeito mútuo etc."

O vínculo entre o professor e o aluno é determinante no processo ensino-aprendizagem. Não existe um papel mais importante do que o outro – ambos devem coexistir dentro da sala de aula para que ocorra o processo. Nessa relação pode haver uma troca de papéis, na qual o aluno vai estar ensinando e o professor aprendendo. Esse é um aspecto comum do nosso atual modelo educacional. Dessa forma, deve haver uma flexibilidade do professor para lhe dar com tal situação.

1.5 O ensino de Arte na sala de aula

A sala de aula é um importante espaço para o processo de ensino aprendizagem. Esse espaço é utilizado para transmissão e compartilhamento de conhecimentos, local no qual se encontram os agentes do processo educacional: professor e alunos.

Segundo Régis Morais (1998):

> "[...] os processos pedagógicos tradicionais e modernos foram construídos e vividos de um modo conflitante e contraditório, e que também são conflitantes entre si, isso significa que a sala de aula, lugar-tenente ou abrigo do processo pedagógico, será lugar-síntese das idéias educacionais e dos processos pedagógicos primitivos (tradicionais e modernos). A sala de aula poderia ainda, por absurdo, significar a superação do conflito contribuindo para isso." (p. 48).

Morais reforça a função do ambiente da sala de aula, lugar ideal para entender as relações exteriores da sociedade que está em volta. É o espaço propício para todo tipo de indagação e discussão, o que possibilita um universo de opiniões diferentes, transformando o aluno em um criador de opiniões.

Segundo Marli André (1999):

> "Não desconhecendo os mecanismos reforçadores das desigualdades socioculturais existentes no nível dos sistemas educacionais, os quais se traduzem em discriminações negativas, produtoras do fracasso escolar (como, por exemplo, os bairros mais pobres ficarem com escolas mais precárias, pessoal menos experiente e menos qualificado, oferecendo ensino de baixa qualidade) e que precisam ser enfrentados com determinação, competência e vontade política, focalizar-se-á o tratamento das diferenças no contexto da sala de aula. Não se está, com isso, valorizando mais um âmbito do que o outro; ambos são importantes, mas os limites de espaço, tempo e interesse acadêmico nos levam a priorizar as interações didáticas em sala de aula." (p. 18)

É dentro do ensino em sala de aula que as barreiras devem ser quebradas e o importante é que nesse espaço propício às desigualdades sociais as questões didáticas devem ser trabalhadas, a fim de causar mudanças em aspectos negativos já determinados pela nossa sociedade. Às vezes, nos deparamos com alunos se destacando e sendo reconhecidos por alguma conquista educacional, como por exemplo: o estudante campeão da olimpíada de matemática foi um aluno da escola com condições mais precárias da cidade de São Paulo – esse tipo de situação deixa evidente que essa conquista faz parte de uma boa interação entre o professor e o aluno com foco no seu desenvolvimento e aprendizagem. E mesmo a escola possuindo problemas, essas barreiras foram quebradas e houve um grande progresso. O ensino não deve ser mais valorizado nas classes sociais evoluídas e sim tratado com igualdade.

Outro fator que nos coloca diretamente dentro do contexto da sala de aula é a atuação dos professores tradicionais que são profissionais que não se atualizam e continuam transmitindo o conhecimento da mesma forma. O conhecimento nesse tipo de prática tradicional restringe as possibilidades de ensino e aprendizagem no ambiente, pois o aluno não tem liberdade de expressão, e o professor passa a ser o detentor de todo o conhecimento.

Morais (1988), descreve que:

> "[...] em sua sala de aula, pontificava um semideus (o professor), dardejando ordens sobre as silenciosas cabeças adolescentes. Presença esmagadora e muitas vezes amordaçante, situava-se o professor como ponto de convergência de todos os acontecimentos, como protagonista maior do ensino – misto de instrutor, moralista e adestrador de comportamentos. A esquerda de fardados que ficava diante, ia recebendo – no mais estupefato silêncio – as lavas das erupções docentes, algumas para viverem o resto de suas vidas de cerviz dobrada e sem vontade própria, outros desenvolvendo no íntimo, com sua forte revolta, a mais sofisticada arte da mentira e da hipocrisia – nem que isso lhe servisse de recurso temporário." (p. 22).

Morais narra, falando a respeito do professor tradicional, que trata seus alunos como seres incapazes de refletir. Dessa forma, o processo de ensino-aprendizagem é falho e não existe a troca de conhecimentos.

Essa forma de ensino está bastante ultrapassada – o professor precisa estar sempre se inovando e buscando alternativas que favoreçam o processo de ensino-aprendizagem – deve haver uma autoavaliação por parte do professor se questionando se está conseguindo ou não atingir o seu objetivo de colaborar para o crescimento dos alunos.

É papel fundamental do professor se conscientizar sobre a importância de um ensino de qualidade, visando à formação dos nossos jovens. Dessa forma, um professor que se atualiza e adapta seu jeito de dar aula, inovando de forma positiva, colabora para o progresso da nossa sociedade.

Quando falamos da disciplina Arte, geralmente pensa-se em atividades tranquilas e prazerosas, sendo encaradas, pelos alunos, como uma disciplina fácil.

Mas, o ensino dessa disciplina, é visto sobre uma perspectiva mais ampla, desenvolvendo a capacidade criadora do indivíduo, possibilitando um processo de construção e desconstrução de possibilidades. As diversas linguagens encontradas nas artes possibilitam uma melhor qualidade de vida.

A Arte é fundamental nas relações humanas, tornando a vida do ser humano mais significativa.

Segundo Leon Tolstoi (2002):

> “A arte é a atividade humana que consiste em um homem comunicar conscientemente a outros, por certos sinais exteriores, os sentimentos que vivenciou, e os outros serem contaminados desses sentimentos e também os experimentar.” (p. 15)

Dessa forma, por meio da Arte, existe uma interação entre indivíduos, que possibilita ao sujeito a busca por significações, gerando sensação de prazer, ou até mesmo de desconforto. Mas, o ponto fundamental dessa questão é a busca de soluções, às infinitas interpretações, possibilidades de visões diferentes etc.

Diana Domingues (1997), afirma que:

> "Parece-nos bastante evidente que nestes últimos anos houve mais descobertas do que em toda a história da humanidade. Os artistas estão se dando conta de uma outra cosmovisão que converge com as teorias científicas contemporâneas, que pensam o mundo em sua complexidade, não linearidade, em relações caóticas de nascimento de novas ordens pelos fenômenos que interagem no universo." (p. 19).

Domingues fala da importância da Arte na construção do mundo, pois propicia, às pessoas, reflexões diferentes acerca da realidade. O sujeito passa a conceber os acontecimentos do mundo de formas diferentes, tornando-se mais crítico. A capacidade de inovar é que vai trazer vários aspectos positivos para a nossa sociedade.

Zamboni (2006), contribui dizendo que:

> "O processo de trabalho, principalmente em arte, não é algo linear, é um processo de idas e vindas, de intuição e de racionalidade que se interpõem no caminho da reconstrução representativa de uma realidade. É uma etapa eminentemente criativa, e que dá forma material e organizada uma série de ideias e fatos [...]." (p.67).

O ensino de Arte não pode ser trabalhado a partir de uma receita com orientações a serem seguidas. É preciso estar sempre inovando, buscando alternativas que favoreçam o ensino, pois ela possibilita, ao sujeito, a construção e a desconstrução das ideias, não se tratando de uma fórmula pronta para ser aplicada, e sim de um processo de infinitas visões sobre determinado assunto.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

2.1 Escola analisada

A pesquisa foi realizada no Centro de Ensino Fundamental 16 de Ceilândia – DF, localizado na EQNM 22/24. A escola não possui um espaço apropriado para as aulas de Arte. A sala é um espaço convencional utilizado para todas as disciplinas.

A escola possui 881 alunos, com média de 39 por turma. Há três professores de Artes que são responsáveis pela disciplina (um professor com carga horária de 20 horas aula e duas professoras com carga horária de 40 horas aula). Cada turma tem duas aulas de Arte, semanais, e cada aula tem a duração de 45 minutos.

A maioria dos alunos são moradores da cidade satélite de Ceilândia, mas a escola também possui alunos de cidades do entorno, como Águas Lindas de Goiás. Ao indagar o porquê de abandonar as escolas perto de suas casas, os alunos utilizam como justificativa a precariedade e, como consequência desse aspecto, escolhem a rede pública do Distrito Federal para estudar.

2.2 Metodologia da pesquisa

A pesquisa utilizada buscou aspectos qualitativos e quantitativos, por meio de questionários aplicados a professores e alunos. O diálogo também foi fundamental para o levantamento de dados. A análise dos dados será demonstrada em gráficos e por meio da transcrição de entrevistas.

3 DADOS OBTIDOS NA PESQUISA

3.1 Entrevista com professores

Os professores entrevistados concordaram em responder às perguntas, mas preferiram que seus nomes não fossem divulgados. Dessa forma, serão identificados assim: Professor 1, 2 e 3.

Um dos professores atua há mais de 5 anos e os outros há mais de 10 anos.

1. *Qual a sua opinião sobre a profissão de professor?*

Professor 1: Sou apaixonado pela minha profissão. Mas confesso que é bastante desgastante. Muitos professores ficam doente após os vários anos atuando em sala de aula. Eu mesmo já precisei me afastar algumas vezes por problemas de saúde decorrentes da minha profissão.

Professor 2: Para ser professor é necessário gostar do que faz. Não é uma profissão fácil, mas tenho consciência de que a educação é a principal ferramenta para mudar a nossa sociedade.

Professor 3: É uma profissão essencial e que necessita de bons profissionais. Muitos optam pela sala de aula por falta de opção. Mas, no meu caso, é diferente. Sempre gostei muito de trabalhos artísticos e isso acabou me trazendo para dentro da sala de aula.

2. *Na sua opinião, os professores da rede pública de ensino do DF recebem uma remuneração justa?*

Professor 1: Infelizmente, não. Mesmo os professores da rede pública do DF recebendo uma das melhores remunerações da categoria no Brasil, ainda não é suficiente para que possa ter melhores condições de vida. É necessário, por parte do governo, uma maior valorização da categoria.

Professor 2: Não. Quando há um reajuste na remuneração dos professores, o valor é sempre muito baixo. E, dessa forma, a remuneração fica defasada.

Professor 3: Não. Os professores deveriam ser melhores remunerados, visto que é uma profissão essencial para o desenvolvimento da sociedade.

3. *Qual é o papel do professor de Arte do Ensino Fundamental II?*

Professor 1: O professor de Arte tem um papel fundamental na formação dos alunos. O aprendizado não fica somente restrito ao ensino da História da Arte e das práticas artísticas. O aluno também desenvolve um senso crítico e é estimulado a pensar sobre as diversas questões vivenciadas no seu dia a dia.

Professor 2: Ensinar sobre os principais aspectos da História da Arte, bem como desenvolver a coordenação motora, suas habilidades e percepção por meio das atividades práticas realizadas em sala de aula.

Professor 3: Ajudar o aluno a desenvolver sua sensibilidade. Dessa forma, contribuir na formação de um cidadão consciente. O ensino de Artes Visuais é um conhecimento que vai estar presente na vida do aluno.

4. *Quais são as maiores dificuldades enfrentadas na sala de aula?*

Professor 1: A ausência de um espaço apropriado para as aulas. Muitas vezes deixo de aplicar uma atividade por necessitar de um espaço adequado. Outro fator que atrapalha bastante é o nível socioeconômico dos alunos, que geralmente não têm condições para comprar materiais solicitados. Dessa forma, sempre preciso pensar no que seria mais apropriado para a realização das atividades.

Professor 2: Acho que a escola poderia possuir mais recursos didáticos que favoreçam o ensino de Arte. Dessa forma, poderia ser dada uma aula mais dinâmica.

Professor 3: O pouco tempo é um dos principais fatores que dificultam o ensino de Arte, pois cada turma possui duas aulas de 45 minutos semanais. É necessário um grande planejamento para que as atividades sejam desenvolvidas.

5. Como é o interesse dos alunos pela disciplina?

Professor 1: Somente 30% dos alunos realmente gostam. Sempre que uma atividade prática é passada, percebo que muitos apenas a realizam para ganharem seus pontos.

Professor 2: Sempre temos aqueles alunos que não valorizam a disciplina e isso atrapalha bastante. Eu sempre faço o máximo para que todos possam participar das atividades de forma mais agradável.

Professor 3: Geralmente, os alunos que gostam de desenhar, de fazer colagens e de imagens são os que mais valorizam a disciplina.

6. Quais são os recursos didáticos mais utilizados durante as aulas de Arte?

Professor 1: Geralmente, utilizo o quadro para as anotações mais importantes. E, por meio de *Power Point*, apresento o conteúdo da aula.

Professor 2: Tento diversificar o modo de apresentação da aula por meio de filmes e documentários. Utilizo bastante o quadro, pois acho essencial a prática da escrita.

Professor 3: O conteúdo é passado por meio de aulas expositivas, possibilitando a participação dos alunos. Utilizo vídeos e filmes e, geralmente, tento interligar teoria e prática.

A partir das entrevistas com os professores, conclui-se que esses profissionais gostam muito da profissão e alegam que essa é uma carreira que precisa ter vocação para ser seguida. Infelizmente, muitos ficam doente devido ao desgaste excessivo durante a prática docente.

Ficou evidente a grande insatisfação com a remuneração recebida como contraprestação do trabalho. Acham que o professor não é valorizado e por ser a educação uma atividade essencial para o Estado, esse profissional deveria ser bem remunerado.

A ausência de um espaço apropriado para o ensino de Arte foi o principal fator levantado pelos professores. Precisam sempre adaptar as atividades propostas ao espaço acadêmico que possuem. E por isso, diversos projetos não podem ser realizados durante o ano letivo.

Uma melhor remuneração e espaços apropriados para o ensino de Arte traria significativas melhorias para o ensino. Espera-se que no futuro esses profissionais sejam mais valorizados e possam ter um melhor ambiente de trabalho.

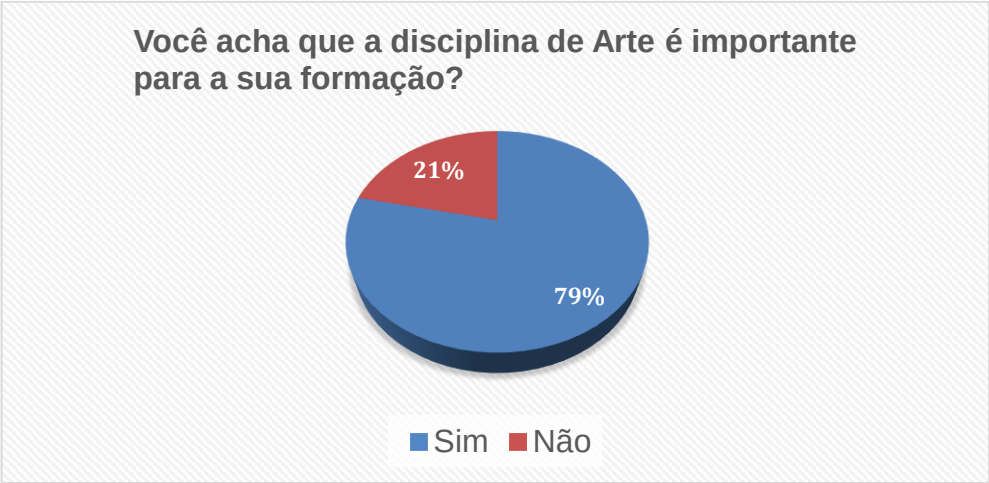
3.2 Questionário aplicado aos alunos

O questionário foi aplicado para quatro turmas dos 6º, 7º e 8º anos, com um total de 480 alunos. Como não poderia ocupar muito tempo da aula, para não prejudicar o conteúdo a ser ministrado no dia pelo professor da disciplina, o questionário foi bem objetivo.

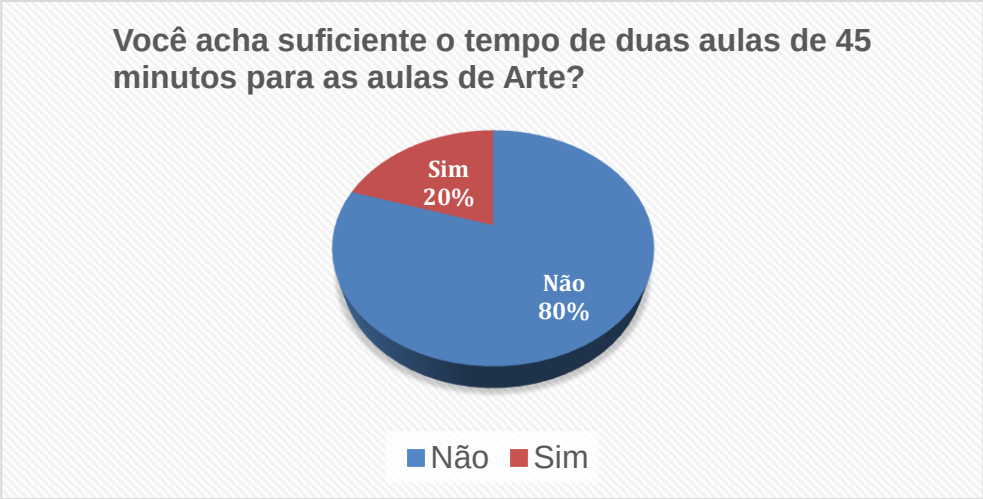
Para não haver resistência dos alunos na participação dos questionários, apenas foi solicitado que indicassem o ano e a turma, não necessitando de identificação pessoal. Dessa forma, a participação dos alunos foi bastante significativa.

Questionário dos alunos **Ano: _____ Turma: _____**
1. Você acha que a disciplina de Arte é importante para a sua formação? ( ) Sim ( ) Não
2. Você acha suficiente o tempo de duas aulas de 45 minutos para as aulas de Arte? ( ) Sim ( ) Não
3. Você prefere qual tipo de aula? ( ) Teórica ( ) Prática
4. Qual é o recurso didático mais utilizado pelos professores? ( ) Aulas práticas ( ) Seminário ( ) Utilização de livros ( ) Outros ( ) Aulas teóricas ( ) Debate ( ) Filmes/documentários
5. Os professores levam os alunos a exposições/visitas fora da escola? ( ) Às vezes ( ) Sempre ( ) Nunca
6. Os professores procuram saber sobre os interesses dos alunos? ( ) Sim ( ) Não ( ) Às vezes
7. Os professores demonstram domínio da disciplina de Arte quando ensinam? ( ) Sim ( ) Não ( ) Às vezes

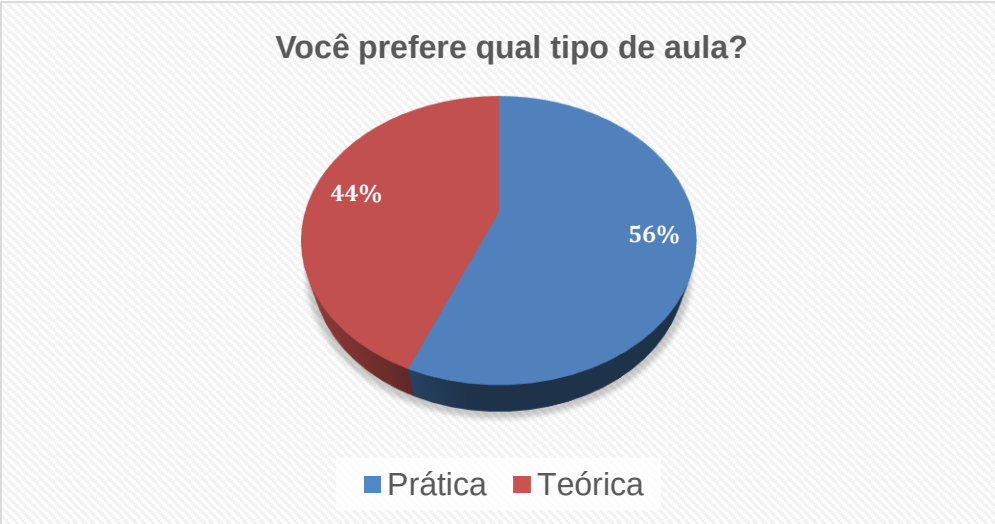
3.3 Análise de resultados obtidos na pesquisa com os alunos



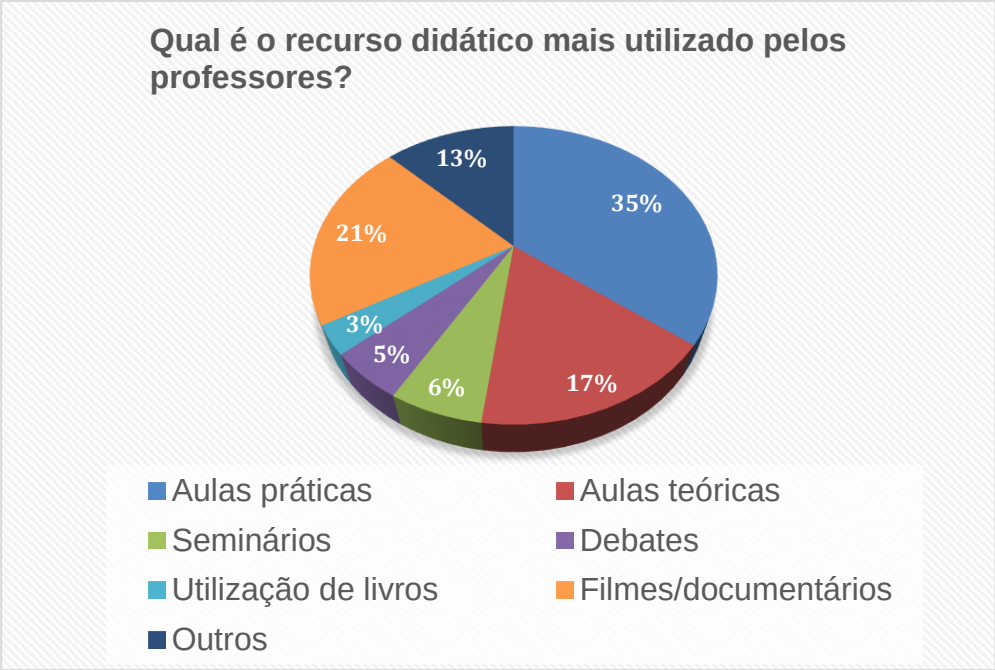
Fonte: elaborada pelo pesquisador



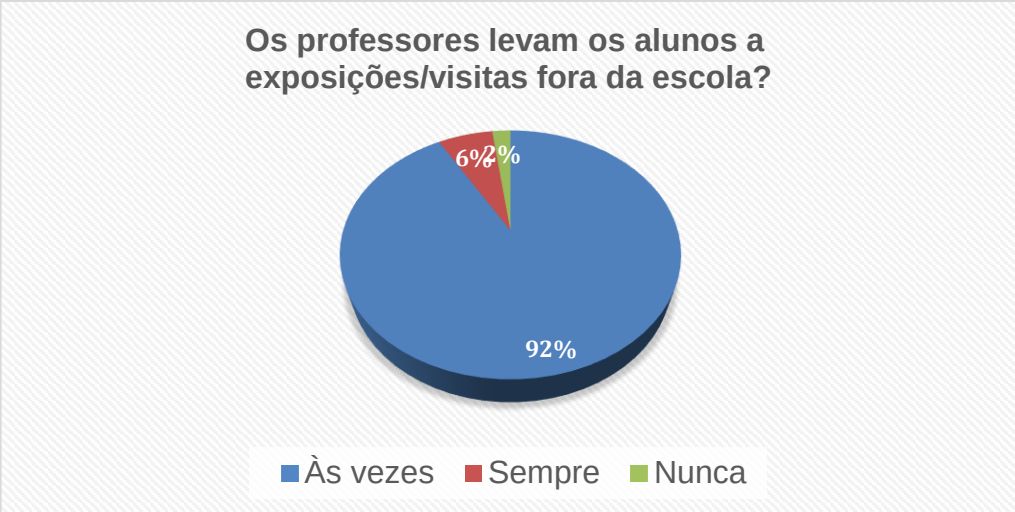
Fonte: elaborada pelo pesquisador



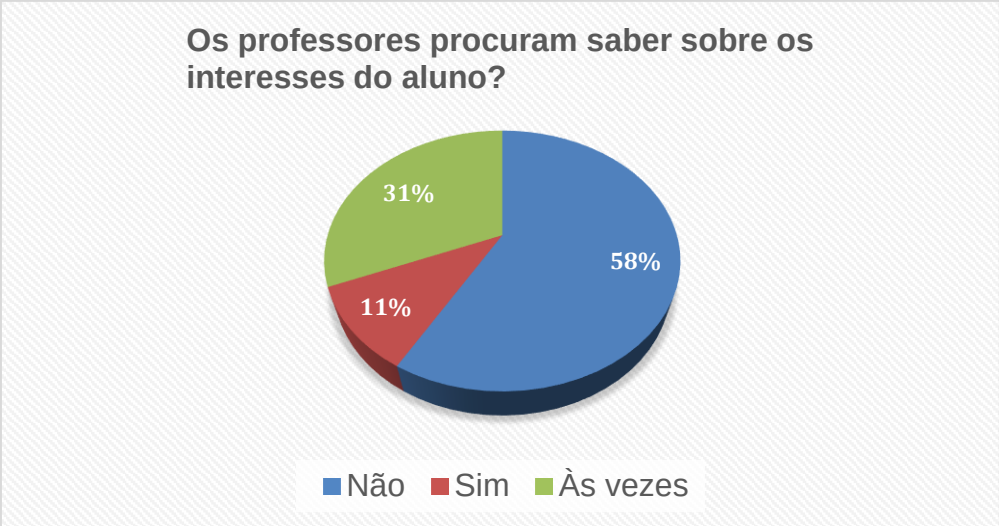
Fonte: elaborada pelo pesquisador



Fonte: elaborada pelo pesquisador



Fonte: elaborada pelo pesquisador



Fonte: elaborada pelo pesquisador

Fonte: elaborada pelo pesquisador

Conclui-se, então, que a maioria dos alunos gostam da disciplina. 79% consideram que a disciplina de Arte é indispensável para o seu desenvolvimento acadêmico e esse é um aspecto muito importante para o reconhecimento da disciplina como fundamental no processo de ensino aprendizagem.

80% dos alunos acham que a carga horária das aulas de Arte é insuficiente, gostariam de ter mais tempo para desenvolver as atividades propostas pelos professores. Infelizmente esse é um grande fator que dificulta o ensino de arte na sala de aula. O professor procura sempre utilizar o seu tempo da melhor forma, mas nem

sempre isso acontece, e o resultado é que diversos trabalhos acabam por não alcançar os resultados desejado pelo professor.

Quando questionado acerca da melhor forma de ensino, pouco mais da metade preferem as aulas práticas. Isso evidencia a importância que os alunos atribuem aos conhecimentos teóricos apreendidos na disciplina.

Os recursos didáticos utilizados pelos professores foram diversos. Mas ficou evidente que cada professor adota um método e segue sempre com essa forma de ensinar.

Infelizmente poucas visitas a exposições ou eventos artísticos são realizadas no ano. Os alunos gostariam de participar mais desse tipo de atividade, visto que possibilita novos olhares e conhecimentos acerca do ensino de Arte.

58% disse que o professor procura entender quais são os interesses da turma. E esse é um papel fundamental que deve ser adotado pelo professor. Quando esse diálogo é estabelecido é possível fazer uma análise de fatores importantes que devem ser trabalhados com os alunos.

62% acha que os professores dominam o conteúdo ministrados nas aulas. É de fundamental importância o professor ter o domínio do conteúdo ensinado durante as aulas para que os alunos não percam o interesse pela disciplina.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma forma significativa de melhorar o ensino de Arte nas escolas públicas do Distrito Federal é por meio do diálogo entre professores e alunos. A responsabilidade para uma educação melhor deve ser atribuída a todos os agentes do processo de ensino-aprendizagem. É necessária a garantia de que os alunos tenham acesso a um ensino de qualidade, tendo como principal objetivo a construção de conhecimentos a serem utilizados em sua vida pessoal, acadêmica e profissional.

Ao final da pesquisa, ficou evidente que os professores se sentem desvalorizados, devido à baixa remuneração da categoria. Os governantes do nosso País não valorizam o esforço desses profissionais. É certo que esse é um grande fator que influencia na qualidade da educação oferecida dentro da sala de aula, sendo a educação um dos meios para mudar a história do nosso País, na formação de pessoas mais conscientes, críticas e capazes de atitudes inovadoras e transformadoras. O ensino precisa de mudanças e os professores de uma maior valorização.

Mesmo com as dificuldades encontradas nos ambientes de sala de aula, o professor não pode ficar desmotivado. Cabe a ele procurar recursos e alternativas que contribuam para o processo de ensino-aprendizagem dentro da sala de aula. A falta de infraestrutura nas escolas faz parte de um problema político, devido aos nossos governantes não priorizarem a educação como área de investimento. E no momento lutam para estimular um limite de gastos com a área da educação por um período de 20 anos. Essa iniciativa não parece trazer benefícios para a educação brasileira que necessita cada vez mais de melhorias contínuas.

Dessa forma, é por meio da educação que construiremos um mundo melhor. A responsabilidade está nas mãos de cada professor que conclui a sua graduação. Precisamos de profissionais que tenham compromisso e que não deixem as dificuldades do seu dia a dia atrapalhar e desestimular sua atuação na educação. Cabe ao professor assumir o seu papel e se dedicar ao processo de ensino-aprendizagem, ensinando para a vida, estando ciente que ele desempenha um papel fundamental na formação dos nossos alunos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRÉ, Marli. **Pedagogia das diferenças na sala de aula.** Campinas, SP: Papirus, 1999.

CUNHA, Maria Izabel. **O bom professor e sua prática**. Campinas, SP: Papirus, 1989.

DOMINGUES, Diana. **Arte no Século XXI, a Humanização das Tecnologias**. São Paulo: ed. UNESP, 1997.

KULLOK, Maisa Gomes Brandão. **Relação professor-aluno; Contribuição prática**. Maceió; EDUFAL, 2002.

MARTINS, Ilza. **Didática: Aprender a ensinar**. Edições Loyola, São Paulo, 1989.

MORAIS, Regis de. **Sala de aula: Que espaço é esse?** 3ª ed. Campinas, SP: Papirus, 1988.

RANGEL, Mary. **Métodos de ensino para a aprendizagem e a dinamização das aulas**. Campinas, SP: Papirus, 2005.

SOUZA, Maria Helena. **Introdução à psicologia escolar**. 3ª ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

SUBTIL, Maria José Dozza. **Reflexões sobre ensino de Arte: recortes históricos sobre políticas e concepções.** Revista HISTEDBR *On-line*, Campinas, n. 41, p. 241-254, 2011.

Disponível em: http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/edicoes/41/art18_41.pdf. Acesso em: 10 nov. 2016.

TOLSTOI, Leon. **O que é arte?** São Paulo: Ediouro, 2002.

ZAMBONI, Silvio. **A pesquisa em arte: um paralelo entre arte e ciência**. 3ª ed. rev. Campinas, SP: Autores Associados, 2006.

ZATTI, Vicente. **Autonomia e educação em Immanuel Kant e Paulo Freire**. Porto Alegre: EDPUCRS, 2007.